



SEMINÁRIO TEOLÓGICO

Prof. Herbert A. Pereira

LOCAL

Igreja Evangélica Deus Todo Poderoso
Rua Schoroeder, 410 – Jardim Santa Maria
Guarulhos - SP.

FISOLOSOFIAS E HERESIAS DO NOVO TESTAMENTO

1. INTRODUÇÃO

Assim como hoje, no período do Novo Testamento, existam diversos grupos ou partidos filosóficos que disseminavam conceitos errôneos sobre Deus e também sobre a “coroa” da Sua criação: o homem.

Surgiram, então, diversos tipos de pensamentos filosóficos contrários à Palavra de Deus. Infelizmente muitas ramificações desses pensamentos se fazem presentes, também nos dias atuais, na forma de falsas doutrinas. E essas falsas doutrinas são ensinamentos enganosos e sutis, com aparência de verdade. Só a Palavra de Deus, corretamente interpretada, pode eliminar o efeito dessas heresias.

Essas falsas religiões utilizam-se de regras e mais regras para escravizar seus adeptos. O cristão, no entanto, já foi libertado da escravidão do mundo visível e do jugo do mundo invisível por nosso Senhor Jesus Cristo. Apesar disso, com o passar dos anos, sem que haja uma leitura e estudo diário da Palavra de Deus por parte do crente, sempre se corre o risco de se adotar heresias e falsos ensinamentos provenientes de Deus, ensinamentos esses que trazem prejuízo ao crescimento espiritual e conseqüentemente prejuízos ao conhecimento verdadeiro que o crente deveria ter de seu Senhor e Salvador Jesus Cristo.


Infelizmente, a maioria dos cristãos busca apenas experiências espirituais e não quer aprender nada sobre Deus e sobre Sua Palavra. Por causa disso, esses cristãos podem, eventualmente, ter uma experiência com o inimigo e serem enganados. O conhecimento é a base para o discernimento.

O conteúdo deste trabalho, visa expor as principais filosofias existentes no período do Novo Testamento, citando suas origens e doutrinas mais proeminentes. Do mesmo modo, este trabalho também se propõe a expor as principais heresias que estavam sendo difundidas no mesmo período – muitas dessas heresias ainda se mantêm vivas em nossos dias.

Como forma de apoio ao leitor, o presente trabalho procura dar uma rápida definição sobre o significado dos termos “filosofia” e “heresia”, expondo suas origens, significados e idéias características.

2. FILOSOFIA

2.1. Etimologia da palavra

 do grego **φιλία** (*philia*) = amor, amizade

 do grego **σοφία** (*sophia*) = sabedoria

2.2. Definição

Em seu sentido mais primitivo, filosofia é o amor, a amizade à sabedoria. Este era o conceito que havia na mente dos antigos, logo o papel primário da filosofia é moral, virtuoso e ético. Uma definição minimalista mas satisfatória é que a filosofia consiste em pensar sobre o pensamento. É a formação de crenças e de conhecimento sobre o mundo ou porções significativas do mundo. Uma outra definição, um pouco mais abrangente, é que a filosofia consiste em pensar racional e criticamente, de modo mais ou menos sistemático, sobre a natureza do mundo em geral (metafísica ou teoria da existência), da justificação de crenças (epistemologia ou teoria do conhecimento), e da conduta de vida a adotar (ética ou teoria dos valores).

Segundo Anthony Quinton, da Universidade de Oxford, em geral não há apenas uma definição de filosofia, mas várias. E muitas dessas definições são controversas e parecem contradizer-se, em particular quando são interessantes ou profundas. Ele afirma que há pelo menos quatro definições gerais do que seria a filosofia:

1- Visão de mundo de um povo, de uma civilização ou de uma cultura. Filosofia corresponde, de modo vago e geral, ao conjunto de idéias, valores e práticas pelos quais uma sociedade apreende e compreende o mundo e a si mesma, definindo para si o tempo e o espaço, o sagrado e o profano, o bom e o mau, o justo e o injusto, o belo e o feio, o verdadeiro e o falso, o possível e o impossível, o contingente e o necessário.

2- Sabedoria de vida. A Filosofia seria uma contemplação do mundo e dos homens para nos conduzir a uma vida justa, sábia e feliz, ensinando-nos o domínio sobre nós mesmos, sobre nossos impulsos, desejos e paixões.

3- Esforço racional para conceber o Universo como uma totalidade ordenada e dotada de sentido. Nesse caso, a filosofia procura discutir até o fim o sentido e o fundamento da realidade, enquanto a consciência religiosa se baseia num dado primeiro e inquestionável, que é a revelação divina indemonstrável.

4- Fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas. É a compreensão das causas e das formas da ilusão e do preconceito no plano individual e coletivo, sendo também o estudo da consciência em suas várias modalidades: percepção, imaginação, memória, linguagem, inteligência, experiência, reflexão, comportamento, vontade, desejo e paixões, procurando descrever as formas e os conteúdos dessas modalidades de relação entre o ser humano e o mundo, do ser humano consigo mesmo e com os outros. Nesse ponto, a filosofia visa ao estudo e à interpretação de idéias ou significações gerais como: realidade, mundo, natureza, cultura, história, subjetividade, objetividade, diferença, repetição, semelhança, conflito, contradição, mudança, etc.

Em resumo, a filosofia se interessa por aquele instante em que a realidade natural (o mundo das coisas) e a histórica (o mundo dos homens) tornam-se estranhas, espantosas, incompreensíveis e enigmáticas, quando o senso comum já não sabe o que pensar e dizer, e as ciências e as artes ainda não sabem o que pensar e dizer. Ela se caracteriza, então, pela intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreendê-la na sua totalidade. No campo da lógica, filosofia é o processo no qual se raciocina do particular para o geral. Parte da suposição que, se algo está certo em algumas ocasiões, também estará em situações similares, embora estas ainda não tenham sido analisadas.

3. FILOSOFIAS NO PERÍODO DO NOVO TESTAMENTO

3.1. Platonismo

O platonismo recebeu o seu nome de Platão, filósofo ateniense (foi amigo e discípulo de Sócrates) que viveu no quarto século antes de Cristo e tinha por hábito pensar por meio de conceitos abstratos. Segundo ele, o mundo seria constituído por um número infinito de coisas particulares, cada uma das quais é uma cópia mais ou menos imperfeita de uma idéia real. O mundo real é, pois, o mundo das idéias, de que o mundo material é apenas uma sombra. As idéias têm uma existência objetiva, sendo o presente mundo, um fraco e imperfeito reflexo. Esse tipo de pensamento carregava o conceito de que se o mundo real é o reino invisível das idéias, a sua busca será a fuga do irreal para o real, ou seja, conhecimento é salvação; pecado é ignorância.

A visão do platonismo é que somente procurando o Supremo Bem, o Fim, a Suprema Idéia, é o homem conseguirá libertar a si próprio, do mundo material escravizador, podendo elevar-se até a compreensão do mundo real. Em geral pode-se afirmar que o platonismo caracteriza-se principalmente pela teoria das idéias e pela preocupação com os temas éticos, visando toda a meditação filosófica ao conhecimento do Bem, conhecimento este que se supõe suficiente para a implantação da justiça entre os estados e entre os homens. Muitas idéias de Platão tiveram um papel fundamental no desenvolvimento do cristianismo e no pensamento islâmico medieval.

3.2. Gnosticismo

Sistema que prometia a salvação pelo conhecimento. Segundo os gnósticos, Deus é demasiado grande e demasiado santo para ter criado o mundo material com toda a sua baixeza e corrupção. Por isso afirmavam que de Deus, procedeu a uma série de sucessivas emanações proporcionalmente inferiores uma das outras, até que a última dessas emanações criou o mundo. Sendo assim, a matéria seria uniformizada com o mal, e todo aquele que desejasse obter a salvação, só a poderia alcançar pela renúncia ao mundo material e pela busca do mundo invisível.

O gnosticismo, foi um movimento religioso esotérico que floresceu durante os séculos II e III e trouxe um desafio para os cristãos ortodoxos. A maioria das seitas gnósticas professava o cristianismo, mas

suas crenças eram diferentes da dos cristãos dos primeiros tempos da Igreja. Para seus seguidores, o gnosticismo prometia um conhecimento secreto do reino divino. Segundo os gnósticos, sementes do Ser Divino caíram até o universo material – que, em sua totalidade, é mau – e foram encarceradas nos corpos humanos. O conhecimento ou gnose poderia despertar estes elementos que voltariam à própria casa, isto é, reino espiritual. Por causa desse tipo de pensamento, surgiram duas conclusões éticas contraditórias:

- 1- Sendo o corpo material, era mau e deveria, portanto, ser mantido sob estrito domínio. Os apetites deveriam ser refreados e os seus impulsos deviam ser desprezados e suprimidos.
- 2- Se o corpo existe só temporariamente, os seus atos não tinham importância. A total satisfação dos seus desejos naturais não teria, assim, efeitos sobre a salvação final do espírito, que haveria de sobreviver sozinho.

3.3. Neoplatonismo

Corrente doutrinária fundada por Amônio Sacas (século III) com princípios baseados no dualismo¹ platônico das idéias universais e das coisas particulares, e no dualismo persa de luz e trevas. No conceito do neoplatonismo, o espírito era considerado inevitavelmente bom e o corpo inerentemente mau. A salvação se baseava em eliminar completamente todos os desejos seus corporais, cujo processo seria completado na morte, onde a má influência do corpo haveria de cessar e a verdadeira vida espiritual floresceria abundantemente. Considerar a possibilidade de haver unidade de Deus e homem, divindade e carne, era algo simplesmente inconcebível. A expiação também seria desnecessária, visto que todo o ato realizado no mundo material não poderia ter efeito algum sobre o mundo real do espírito. A ressurreição do corpo seria um equívoco repugnante, visto que perpetuaria o mal da existência material.

Os defensores do neoplatonismo pregavam que a obtenção da vida espiritual não seria atingida pelo esforço intelectual, mas por uma absorção do Infinito. Uma vez que pelo raciocínio não se pode compreender Deus, só pelo sentimento se pode estabelecer comunicação com Ele. O neoplatonismo caracterizava-se, também, pelas teses da absoluta transcendência do ser divino, da emanção e do retorno do mundo a Deus pela interiorização progressiva do homem.

3.4. Epicurismo

A designação de epicurismo vem de Epícuro, filho de um ateniense. Ele estudou em Atenas e fundou a sua escola filosófica por volta de 206 a.C. Segundo ele o mundo foi criado por uma chuva de átomos, sendo que alguns deles, colidiram uns com os outros. Estas colisões produziram outras colisões, e esse movimento continuado deu origem ao universo. Para Epícuro, em um tal mundo de acaso, não poderia haver nem propósito nem desígnio e o bem mais elevado possível era o prazer que ele definia como a

ausência do sofrimento. Para ele se o mundo teve a sua origem na matéria e por acaso, então não era necessária a existência de um poder criador. Apesar disso, ele não negava a existência de deuses. Mas esses deuses se relacionavam apenas uns com os outros e não tinham interesse nos fúteis problemas dos homens. Pode-se dizer, então, que o epicurismo era uma filosofia deísta², mas que na prática, era ateu, pois um deus inacessível ou desinteressado dos problemas humanos podia, igualmente, não ter uma existência real. Além disso não era reconhecida a existência da imortalidade, pois um corpo composto somente de átomos não sobrevive à vida presente. Para Epícuro, a alma é composta de pequenas partículas distribuídas pelo corpo, motivo pelo qual a morte conduz à dissolução da alma.

Em resumo, podemos dizer que o epicurismo é uma filosofia, cuja doutrina é a de que o prazer constitui o bem supremo e a meta mais importante da vida. Os prazeres intelectuais são preferíveis aos sensuais. A verdadeira felicidade consiste na serenidade que resulta do domínio do medo, quer dizer, dos deuses, da morte e da vida futura. O fim último é a eliminação destes temores. Sua ética baseia-se na justiça, honestidade e prudência. Apesar de seu materialismo, Epícuro cria na liberdade da vontade.

3.5. Estoicismo

Estoicismo é uma escola de filosofia fundada na antiga Grécia por Zenão de Cício. Sua concepção cósmica afirma que toda realidade é material, porém possui um *logos* ou razão divina. A alma humana é uma manifestação do *logos*: para ela, viver de acordo com a natureza ou a razão é viver conforme a ordem divina do Universo. Este pensamento deu origem à uma teoria de lei natural que influenciou na jurisprudência romana.

Zenão não admitia um Deus pessoal, mas sustentava que o universo era governado por uma Razão Absoluta, com vontade divina nela imanente e enchendo-a plenamente. O desenvolvimento ou processo do mundo é assim governado, não pelo acaso, mas por um propósito progressivo, totalmente em conformidade com a razão. Sendo assim, o sentimento pessoal é sem importância ou até prejudicial, visto que tende a perturbar a solução racional dos problemas.

Os estóicos acreditavam que a natureza era aquilo que devia ser e que tudo o que acontecesse era regulado pela Providência. O universo tinha de ser recebido como era, e não ser mudado. O livre arbítrio ou a existência real do mal não fazia parte de suas crenças. Para eles, todos os males que aparecem eram apenas partes de um maior bem. Além disso, não era possível nenhuma relação pessoal com Deus pois, segundo eles, Deus não tinha interesse pessoal nos problemas dos homens, pois Ele não era pessoal. A ética estóica afirma que o bem não está nos objetos externos e, sim, na sabedoria e

¹ **DUALISMO:** Teoria de que tudo o que existe se baseia em dois princípios eternos, necessários e opostos, o bem e o mal.

² **DEÍSTA:** Aquele que é adepto ao deísmo, que ó sistema ou atitude do que, rejeitando toda espécie de revelação divina, e portanto a autoridade de qualquer igreja, aceita, todavia a existência de um Deus, destituído de atributos morais e intelectuais, e que poderá ou não haver influenciado na criação do Universo.

domínio que nos permite afastarmo-nos das paixões. As quatro virtudes cardeais são sabedoria, valor, justiça e temperança.

3.6. Cinismo

Doutrina caracterizada principalmente pela oposição radical e ativa aos valores culturais vigentes, oposição nascida do discernimento de que é impossível conciliar as leis e convenções morais e culturais com as exigências de uma vida segundo a natureza. Sua filosofia consistia basicamente em afirmar que o ponto mais alto da virtude seria a carência das necessidades. Com o propósito de serem independentes de qualquer desejo, procuravam abolir o desejo.

Os cínicos desprezavam todos os padrões e convenções e tornavam-se completamente individualistas e, muitas vezes, eram propositalmente grosseiros e indecentes na linguagem e conduta, só com o fim de demonstrar que eram “diferentes”.

Ao lado do platonismo, o cinismo constituía uma escola socrática, pelo fato de Sócrates ter ensinado que o homem com menos necessidades pode normalmente sobreviver em condições que aniquilariam outro homem que tivesse muitas necessidades.

3.7. Cepticismo

O cepticismo é uma filosofia cuja doutrina que nega a possibilidade de alcançar o conhecimento da realidade, como é em si mesma. Por extensão, também significa dúvida do que, geralmente, é aceito como verdade. Pode-se considerar Pirro de Elida (365 a 295 a.C.) como sendo o primeiro dos cépticos. Ele sustentava que os seres humanos não podem conhecer a natureza real das coisas. Para defender sua filosofia argumentava que, se o conhecimento se apóia na experiência, não pode haver uma norma final, visto que a experiência de cada homem difere da do seu semelhante pois, há costumes que são aceitáveis em uma terra e que são reprováveis em outra. Juntamente com o cinismo, o cepticismo originou-se do abandono de normas ou padrões, sendo que, o primeiro tratava de ética e o último, da vida intelectual.

Os sofistas³ gregos foram, em sua maioria, cépticos. Seus pontos de vista se refletem nas máximas “o homem é a medida de todas as coisas” e “nada existe, e se algo existe, não pode ser conhecido”.

4. HERESIA

4.1. Etimologia da palavra

 do grego αἵρεσις (*haireisis*) = preferência, escolha. Tomar para si mesmo.

4.2. Definição

³ **SOFISTA:** Nome aplicado pelos antigos gregos aos homens eruditos. No século V a.C., nome dos mestres itinerantes que proporcionavam instrução em troca de honorários. No entanto, desde meados do século XX, diversas correntes filosóficas apontam o sofismo como um movimento crítico.

No Novo Testamento, a palavra “heresia” é empregada com o objetivo de definir a atividade facciosa ou partidária, cuja opinião é contrária à doutrina prevalecente, ou seja, ela indica as doutrinas antibíblicas defendidas pelo grupo. Sendo assim, um “herege” é um cristão professo que está errado em relação a alguma verdade particular. Nem toda heresia culmina na formação de uma seita, mas toda seita possui em seu sistema elementos heréticos. Em geral o termo “heresia” indica a negação do Evangelho pregado pelos apóstolos. A heresia, portanto, pode ser conceituada como uma doutrina contrária aos ensinamentos das Sagradas Escrituras. Ela tanto pode contrariar os ensinamentos quanto os costumes embasados pela Palavra de Deus. O conceito de “seita”, difere do conceito de “heresia”, pelo fato de que as seitas absolutamente não são cristãs e sim contradições do cristianismo.

Em resumo, na perspectiva do Novo Testamento, toda divisão no corpo de Cristo (seja motivada por personalidades ou por diferenças no ensino) é considerada heresia. Desta maneira, passaram a ser qualificados de “heresias” os ensinamentos que, de alguma maneira, contrariam alguma verdade da fé cristã. Nesta perspectiva, heresia pode ser definida como a "negação de uma verdade cristã definida e estabelecida, ou uma dúvida concernente a ela".

Heresia não significa o mesmo que incredulidade, cisma, apostasia ou qualquer outro pecado contra a fé. O apóstata é alguém que rejeitou completamente a fé cristã; o herege continua vinculando-se à fé, excetuando-se os pontos em que seu sistema nega a fé cristã. Para ser culpada de heresia, uma pessoa deve estar obstinada (incorrigível) no erro. Uma pessoa que está aberta à correção ou que simplesmente não tem consciência de que o que ela está dizendo é contrário ao genuíno ensinamento bíblico, não pode ser considerada como herética. Toda heresia significa uma introdução de fermento na massa da fé cristã que, com o tempo, levedará a massa toda!

5. HERESIAS NO PERÍODO DO NOVO TESTAMENTO

5.1. Angelolatria

“Ninguém vos domine a seu bel-prazer, com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão.” (Colossenses 2:18)

Os crentes de Colossos estavam sendo induzidos a adotarem um culto estranho, de natureza mística e esotérica. Era o "culto aos anjos" que incluía uma mistura de falsos ensinamentos judaicos com idéias ou doutrinas pagãs.

A idéia que transparece é de que a igreja estava sendo tentada a adorar não a Deus, mas a espíritos intermediários entre Deus e os seres humanos. Isso acontecia porque os falsos mestres, existentes naquela época, estavam reivindicando que Deus estava longe e que só era possível aproximar-se de dEle através de vários níveis de anjos. Esses falsos mestres ensinavam que as pessoas tinham de adorar os anjos em ordem hierárquica, para no final chegarem a Deus.

Em Colossos, embora essa veneração fosse contra os ensinamentos dos fariseus, algumas evidências indicam que muitos judeus comuns endereçavam preces e petições aos anjos. Embora eles adorassem ao Senhor, muitos passaram a aceitar que certos seres espirituais possuíam vastos poderes mediadores.

Ao rebater esse tipo de heresia o apóstolo Paulo busca mostrar que estes espíritos não são capazes de ligar a brecha existente entre Deus e os homens, porque não são eles nem homens, nem Deus. Como se sabe, pela Palavra de Deus, os anjos são seres celestiais, criados por Deus, a quem são atribuídas diversas missões. Apesar disso, os anjos não merecem nenhum tipo de adoração ou culto por parte de outros seres, sejam eles humanos ou celestiais.

O culto aos anjos foi muito propagado também pelo gnosticismo, que atribuía a criação aos anjos, colocando-os como objeto de culto. Sobre isso o apóstolo Paulo afirma que Cristo, sendo Deus, é o criador de todas as coisas, inclusive dos anjos. Além disso, Paulo afirma que o Senhor Jesus está acima de todos os poderes angelicais, sejam eles principados ou potestades, os quais estão sujeitos ao senhorio de Cristo. Adorando anjos, os colossenses estariam, de fato, adorando demônios, pois os anjos de Deus não recebem cultos.

5.2. Gnosticismo

“Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo; porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade.” (Colossenses 2:8-9)

Gnosticismo era um movimento religioso (não uma religião única e identificável) e filosófico, amplo (popular em todo o mundo greco-romano, nos séculos I e II), multifacetado e difuso (permeando muitas outras religiões e filosofias): apesar de poderem diferir em algumas preferências ou avaliações subjetivas sobre importâncias relativas, os gnósticos se caracterizavam basicamente por clamarem possuir ou procurarem supremamente algum tipo de conhecimento secreto (gnose) sobre as naturezas do universo e da existência humana.

Historicamente, os gnósticos viveram, em sua larga maioria, durante os três ou quatro primeiros séculos da Era Cristã. Bastante provável que eles mesmos não se considerassem gnósticos porquanto eram sabedores do significado oculto dessa palavra. Mas, certamente, eram formados por cristãos, judeus e até adeptos de antigos cultos egípcios, babilônicos, gregos romanos. Tem suas raízes na ciência sagrada do Egito e na filosofia grega. A palavra “gnosis”, revestia-se de um significado místico, designando o conhecimento dos mistérios divinos revelados a poucos escolhidos. Incluía nesses ensinamentos matemática, filosofia, teosofia, astrologia, etc..

Sua principal filosofia era encontrar uma explicação para a origem do mal, pois identificavam a matéria com o mal. Para eles Deus sendo espírito, não podia ter influência com o mal, ou seja com a

matéria. A nota chave do gnosticismo era o conhecimento: a posseção de certos segredos que serviriam afinal para unir a alma com Deus.

A descoberta de cerca de 1000 páginas de documentos a respeito do gnosticismo em Nag Hamadi, no alto Egito em 1943, nos dá alguma idéia sobre suas doutrinas. Dentre essas doutrinas, podemos citar o dualismo e o cosmos.

5.2.1. Dualismo – Era um dos principais fundamentos do gnosticismo. Defendiam uma separação entre os mundos material e espiritual, por que para eles, a matéria estava sempre ligada com o mal, e o espírito com o bem. Daí sua crença de que Deus não poderia ter criado este mundo material. O sentido principal das idéias gnósticas, consiste na narração do destino da alma. Ela pertence ao mundo celestial, desce a terra prisioneira da matéria. Para eles, a vida consiste em buscar um caminho de volta para o mundo celestial. No gnosticismo os homens podem ser divididos em três categorias: material, animal e espiritual.

- 1) **Material** – São aqueles que só enxergam o mundo material, não conseguiram atingir a redenção. Já que o corpo faz parte da matéria, e esta por sua vez é má, o corpo estava destinado a desaparecer.
- 2) **Animais** – São aqueles que agem pelo extinto animal, possuem tanto matéria luminosa como trevas, eles podem ser redimidos se evoluírem a parte luminosa que possuem.
- 3) **Espiritual** – São aqueles que conseguem perceber o espírito superior. Neles predominam a luz.

5.2.2. Cosmos – Muitos gnósticos sustentam que o mundo é imperfeito, porque foi criado de maneira imperfeita. Á semelhança do Budismo, o gnosticismo começa com o fundamental reconhecimento de que a vida terrena é cheia de sofrimento. Todas as formas de vida consomem-se mutuamente, causando dor, medo e morte. Um exemplo disso seria os animais herbívoros destruindo as vidas das plantas, os homens os animais, catástrofes naturais, terremotos, inundações, incêndios, enchentes, etc..

Muitas variedades dessa heresia se espalharam por diversas áreas do mundo antigo. O gnosticismo combinava especulações filosóficas, poderes astrais, reverência a intermediários angélicos, tabus alimentares, e práticas ascéticas com empréstimos do Judaísmo.

No tocante ao cristianismo, o gnosticismo consistia, essencialmente, na tentativa de fundir as revelações dadas por meio de Cristo e Seus apóstolos com os padrões de pensamentos já existentes. Se porventura o gnosticismo tivesse tido sucesso, nessa tentativa, o cristianismo tornar-se-ia apenas mais um outro culto misterioso grego-romano.

5.3. Judaizantes

*“Então, alguns que tinham descido da Judéia ensinavam assim os irmãos: **Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos.**” (Atos 15:1)*

*“Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão. Eis que eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará. E, de novo, **protesto a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei.** Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça tendes caído.” (Gálatas 5:1-4)*

Quando o apóstolo Paulo escreveu aos gálatas, os judeus estavam presentes em todo o Império Romano, principalmente nas cidades mais importantes. Muitos deles se converteram ao cristianismo e, dentre os convertidos, havia aqueles que queriam impor a lei mosaica sobre os cristãos gentios. A maioria dos mestres judeus reconhecia que os gentios justos poderiam ser salvos simplesmente guardando as sete leis que eles acreditavam terem sido dadas a Noé.; mas qualquer gentio que se convertesse ao judaísmo deveria guardar todos os 613 mandamentos dados a Israel no monte Sinai (de acordo com os cálculos rabínicos). São os "judaizantes". Eles reconheciam em Jesus Cristo o Messias anunciado pelos profetas e o cumprimento do Antigo Testamento, mas uma vez que a circuncisão era obrigatória no Antigo Testamento para a participação na aliança com Deus, muitos pensavam que ela era também necessária para a participação na nova aliança que Cristo veio inaugurar. Portanto eles acreditavam que era necessário ser circuncidado e guardar os preceitos mosaicos para se tornar um verdadeiro cristão. Em outras palavras, uma pessoa deveria se tornar judeu para poder se tornar cristão.

Assim como os fariseus e saduceus perseguiram Jesus durante o período mencionado pelos evangelhos, os judaizantes pareciam estar sempre acompanhando os passos de Paulo a fim de influenciar as igrejas por ele estabelecidas. Essa questão entre judaísmo e cristianismo percorre o Novo Testamento. Os judaizantes estavam também na Galácia, onde se tornaram uma forte ameaça contra a sã doutrina das igrejas.

Aqueles judeus davam a entender que o evangelho estava incompleto. Para conseguirem uma influência maior sobre as igrejas, eles procuravam minar a autoridade de Paulo. Para isso, atacavam a legitimidade do seu apostolado, como tinham feito em Corinto.

Os judaizantes chegavam às igrejas com o Velho Testamento "nas mãos". Isso se apresentava como um grande impacto para os cristãos. O próprio apóstolo Paulo ensinava a valorização das Sagradas Escrituras. Como responder a um judeu que mostrava no Velho Testamento a obrigatoriedade da circuncisão e da obediência à lei? Além disso, apresentavam Abraão como o modelo para os servos de Deus. Eles ensinavam que a salvação dependia também da lei, principalmente da circuncisão. Segundo eles, para ser cristão, o homem precisava antes ser judeu (não por descendência, mas por religião).

O apóstolo Paulo admoestou os gálatas para que se lembrassem do significado da obra de Cristo, a qual teve o objetivo de libertá-los. Agora que eram livres, não deveriam voltar ao domínio da lei. Os judaizantes estavam querendo impor a marca da circuncisão como se esta fosse um valor cristão.

Entretanto, Paulo conduz os gálatas a um exame mais profundo da questão. O sinal exterior tem valor quando corresponde à condição interior.

5.4. Docetismo

*“Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: **todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo.**” (I João 4:1-3)*

Crença de que se a matéria é má, logo Cristo não podia ter um corpo humano. A palavra veio do termo grego, **δοκεο** (*dokeo*), que significa “parecer”. O homem Jesus, era na verdade, uma sombra ou um fantasma, com a aparência de um corpo material, ou Cristo tomou o corpo humano de Jesus apenas por pouco tempo, entre o batismo do homem Jesus, e o começo de seu sofrimento na cruz.

Os adeptos do docetismo criam que o corpo humano de Cristo fosse uma entidade espiritual e não física, embora tivesse a aparência de um corpo físico. Então eles ensinavam que o corpo de Jesus era uma alucinação, um fantasma, uma representação teatral, sem qualquer substância real. Portanto, apesar de que esse corpo era genuinamente humano, teria sido apenas um instrumento, mas não uma dimensão da realidade.

Os docetistas negavam a Deus Pai e a Deus Filho, porquanto tinham degradado a pessoa e a missão do Filho. Para eles, Cristo não seria o Filho Unigênito (sem igual) de Deus. Seria apenas uma dentre muitas emanações angelicais de Deus. Seria apenas um dentre muitos salvadores e mediadores. Sendo assim, para eles, Cristo nunca se encarnara, mas tão somente se apossara do corpo do homem Jesus de Nazaré, por ocasião do seu batismo, para abandoná-lo por ocasião de sua crucificação.

5.5. Ascetismo exterior

*“Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, **por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivêsseis no mundo, tais como: não toques, não proves, não manuseies?** As quais coisas todas perecem pelo uso, segundo os preceitos e doutrinas dos homens; as quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum, senão para a satisfação da carne.” (Colossenses 2:20-23)*

*“... **proibindo o casamento e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças; porque toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças.**” (I Timóteo 4:3-4)*

A palavra “ascetismo” veio do termo grego, **ασκεσις** (*askesis*), que significa “exercício”, “prática”, “treinamento” – usado para descrever exercícios de autonegação, de uma forma ou de outra.

Normalmente, o conceito por trás da prática consiste em negar direitos ao corpo, ou mesmo castigá-lo, como se isso tivesse um efeito positivo em favor da alma, purificando-a de desejos carnis e liberando-a, para melhor progredir no caminho da salvação. A prática inclui o jejum, o celibato, a autoflagelação, a abstenção de alimentos e prazeres, a reclusão e a mendicância.

Apesar do Novo Testamento, defender a prática do jejum, do abrir mão de certas coisas (devido à consciência alheia), do dever de suportar as aflições com ânimo forte, etc.; é sempre evidente que simples atos externos não têm valor, se não houver uma transformação em nossa atitude interior.

Na cidade de Colossos, por exemplo, estava sendo pregado que o cristão não poderia **manusear** certas coisas (tocar em uma sepultura ou cadáver) e **provar** outras (a gordura, o sangue e o vinho, eram tidos como sendo alimentos proibidos). O vinho, inclusive, segundo eles, era “produzido” através de uma mistura do sangue e da bÍlis do diabo.

No entendimento dos ascéticos, qualquer coisa que tendesse a destruir o corpo era bom, visto que o corpo era material, e a matéria era tida por eles como a sede do mal. Quanto mais cedo o espírito se libertasse do corpo, melhor.

O ascetismo praticado, no período do Novo Testamento, não era praticado porque as coisas era essencialmente más, mas porque tais práticas faziam parte da salvação. Não levavam em conta que qualquer prática ascética deve ser moderada pelo bom senso, ter uma breve duração e algum propósito específico.

5.6. Falsas interpretações apocalípticas

“Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com ele, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o Dia de Cristo estivesse já perto.” (II Tessalonicenses 2:2)

Os crentes de Tessalônica estavam debaixo do fogo da perseguição. Certos pregadores apocalípticos, que reivindicavam ser inspirados pelo Espírito de Deus, diziam que tais condições significavam que Cristo já viera, ou que deveria voltar para dentro de pouquíssimo tempo; e isso provocaria ainda mais calamidades. Por causa dessa forma de pregação, e da mistura com os ensinamentos do apóstolo Paulo sobre a iminência do retorno de Cristo⁴, aqueles crentes tessalonicenses se encontravam em um estado mental extremamente agitado, que abalava toda a sua maneira de viver.

Os pregadores apocalípticos haviam lançado os crentes de Tessalônica em um contínuo estado de agitação e temor, com muitas interpretações falsas acerca da “natureza” e do “tempo” da segunda vinda de Cristo. Esses pregadores eram entusiastas, sem qualquer contato autêntico com as manifestações do Espírito de Deus, ou, pelo menos, eram crentes fracos e pervertidos, que pensavam

⁴ **LEIA:** I Tessalonicenses 4:13-17

estar alicerçados pelos ensinamentos do apóstolo Paulo. O próprio apóstolo Paulo, então, responde que o futuro “dia do Senhor” é iminente ou inesperado no seu tempo, mas ainda precedido pela apostasia final.

5.7. Inexistência da ressurreição

*“Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dos mortos, **como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?** E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus, pois testificamos de Deus, que ressuscitou a Cristo, ao qual, porém, não ressuscitou, se, na verdade, os mortos não ressuscitam.” (I Coríntios 15:12-15)*

Os cristãos em Corinto haviam sido, de alguma maneira, influenciados pelos gregos atenienses que rejeitavam a idéia da ressurreição⁵. Além disso, entre os convertidos judeus, também poderia haver alguns que se tinham deixado influenciar pela atitude dos saduceus⁶.

Aos cristãos em Corinto, estava sendo ensinado que a alma, sendo imortal, torna-se presa na prisão de carne, o corpo. O universo físico, e portanto, a carne, é criação de espíritos maus. A salvação só pode ocorrer quando a alma, tendo obtido conhecimento suficiente acerca dos mistérios do universo, é liberta do ciclo interminável de reencarnações e é absorvida finalmente por Deus.

A maioria dos gregos não acreditava que o corpo das pessoas seria ressuscitado depois da morte. Eles viam a vida após a morte como algo que aconteceria somente com a alma. Por isso muitos crentes tinham dificuldade de acreditar em uma ressurreição física. O apóstolo Paulo, então, busca esclarecer a situação a respeito desse assunto.

Ao rebater essa heresia, o apóstolo Paulo alega que, se fosse como os gregos atenienses diziam ser, os que morrem confiados em Cristo estão realmente no mesmo nível dos animais brutos que perecem: *“E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. **E também os que dormiram em Cristo estão perdidos.**” (I Coríntios 15:17-18)*

O apóstolo Paulo insiste que Deus é o Criador do universo e que o corpo é bom, não mau em si. Na ressurreição, este corpo carnal (adaptado para esta esfera) deve ser transformado em um corpo adaptado para a esfera do céu. Por isso, negar que o corpo de Jesus realmente tenha levantado do túmulo, destrói a mensagem do Evangelho. Além disso, se alguém rejeitasse a ressurreição futura, também teria de rejeitar a ressurreição de Jesus. Além disso, esse tipo de pensamento, tornava vã toda a esperança de salvação dos crentes em Corinto, e tornavam sem valor as palavras apóstolos e mestres daquela época que, além de estarem enganados, estavam deliberadamente apresentando um falso testemunho.

⁵ **LEIA:** Atos 17:32

5.8. Antinomianismo

“Geralmente, se ouve que há entre vós fornicção e fornicção tal, qual nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai... Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós. Pelo que façamos festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os asmos da sinceridade e da verdade. Não sabeis que os injustos não hão de herdar o Reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o Reino de Deus. E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus... Os manjares são para o ventre, e o ventre, para os manjares; Deus, porém, aniquilará tanto um como os outros. Mas o corpo não é para a prostituição, senão para o Senhor, e o Senhor para o corpo... Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.” (I Coríntios 5:1, 7-11, 13, 19-20)

A palavra “antinomianismo” veio do termo grego, **αντινομος** (*antinomos*), que significa “contra a lei”. Refere-se à doutrina de que não é necessário aos cristãos pregarem e/ou obedecerem à lei moral do Antigo Testamento. A base teológica do antinomianismo é a noção de que o Evangelho e a lei da graça prestam uma obediência desnecessária à lei mosaica, visto termos sido justificados em Cristo e estarmos agora sob a lei do Espírito.

Os antinomianos alegavam que, uma vez que as pessoas são justificadas pela fé em Cristo, já não tem qualquer obrigação para com a lei moral, porque Jesus as libertou. Afirmavam que a lei não poderia ter vindo do verdadeiro Pai amoroso e, por isso era dever dos cristãos desobedecê-la. Além disso, ainda havia aqueles que diziam que o pecado é inevitável de qualquer forma, e que, por isso, não haveria necessidade de resistir à lei.

Na igreja em Corinto havia aqueles que ensinavam que, uma vez justificados pela fé, as pessoas poderiam participar da imoralidade, visto já não haver obrigação alguma de obedecer à lei moral. Por causa disso, o apóstolo Paulo teve que corrigir aqueles que obviamente tinham tirado conclusões erradas dos seus ensinamentos sobre a justificação e a graça⁷. Ele passou a explicar que, embora a justificação pela fé seja dada à parte das obras da lei, não é o mesmo que santificação. Os princípios morais da lei ainda são válidos, não como esforços objetivos mas como fruto do Espírito Santo operando na vida do crente. Fazendo isso, ele pode desfazer a objeção de que, visto que a lei é

⁶ **LEIA:** Atos 23:8

⁷ **LEIA:** Romanos 3:19-28

demasiadamente exigente para se poder observá-la, ela pode ser totalmente repudiada, por ser irrelevante ao viver individual segundo a graça.

5.9. Ebionismo

“... E esteve Saulo alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco. E logo, nas sinagogas, pregava a Jesus, que este era o Filho de Deus.” (Atos 9:19-20)

A palavra “ebionismo” veio do termo grego, **εβιοναῖοι** (*ebionaioi*), transliteração de um vocábulo hebraico e que tem o significado de “pobres”. Esse termo era usado para indicar uma seita judaico-cristã que houve no começo do cristianismo. Chegaram a certa posição de destaque depois de 70 d.C. e entraram em declínio depois do século IV.

O ebionismo era uma seita judaica cristã dissidente, que se opunha à interpretação paulina da fé cristã. Também estava envolvida na questão a observância da lei mosaica, incluindo a circuncisão. Neste conflito, os ebionistas eram os conservadores, enquanto que o partido paulino compunha-se de liberais, que haviam modificado os padrões antigos e tinham adotado novas crenças. Os adeptos do ebionismo pregavam um ensino exagerado sobre a pobreza e austeridade, sugeridas em algumas passagens bíblicas, como por exemplo, a passagem em que o Senhor Jesus diz: *“... Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.” (Lucas 6:20).*

Os ebionistas aceitavam o caráter messiânico de Jesus, mas não acreditavam que Ele tivesse sido o Filho de Deus em qualquer sentido especial, o que significa que rejeitavam a Sua divindade. Por isso eles odiavam o apóstolo Paulo. Eles disputavam sobre a questão do nascimento virginal, alguns em favor e outros contra esse ensino. Exageravam o legalismo a ponto de dizerem que Jesus obtivera seu caráter messiânico através de uma observância muito estrita da legislação mosaica. O batismo de Jesus teria assinalado o instante em que Deus teria proclamado publicamente que Jesus se qualificara para o ofício messiânico e que havia sido agraciado com poderes sobrenaturais.

A obediência tanto à lei quanto ao Evangelho para os ebionistas, era o próprio modo de salvação. Portanto, eles acreditavam em salvação mediante a fé e as obras, acompanhando de perto os judaizantes; tanto que eram legalistas, e insistiam sobre a necessidade de circuncidar os homens que se convertessem, de fazê-los guardar o sábado e de observarem certas outras características comuns aos judaizantes.

5.10. Anticristos

“E também houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição.” (II Pedro 2:1)

Em contraste com os verdadeiros profetas, que eram inspirados por Deus, os falsos profetas era os que falavam de visões de sua própria cabeça, e não do coração de Deus. Por causa disso, já começavam a

existir naquela época, certos “doutores” que negavam o Senhor Jesus Cristo, rejeitavam o Seu sacrifício na cruz e não O reconheciam como o único redentor de suas vidas. Eles se tornavam, assim, verdadeiros “anticristos”.

Esses falsos mestres estavam depreciando a importância da vida, da morte e da ressurreição de Jesus. Alguns reivindicavam que Jesus não poderia ser Deus. Outros reivindicavam que Jesus não poderia ter sido um homem real.

Este tipo de heresia parece ter surgido dentro da própria igreja. Parece ser a tentativa de alguns pretensos mestres combinarem os ensinamentos de Jesus com o judaísmo da Dispersão e as idéias das religiões de mistérios, para tornar o cristianismo convidativo aos “sofisticados” do primeiro século.

6. CONCLUSÃO

Podemos concluir este trabalho, sobre as filosofias e heresias existentes no período do Novo Testamento, afirmando de uma forma simples que:

“Filosofia” consiste em pensar racional e criticamente, de modo mais ou menos sistemático, sobre a natureza do mundo em geral, da justificação de crenças, e da conduta de vida a adotar. As principais correntes filosóficas presentes no período do Novo Testamento, e seus respectivos pensamentos, foram:

1. Platonismo – Somente procurando o Supremo Bem, o Fim, a Suprema Idéia, é o homem conseguirá libertar a si próprio, do mundo material escravizador, podendo elevar-se até a compreensão do mundo real.

2. Gnosticismo – Deus é demasiado grande e demasiado santo para ter criado o mundo material com toda a sua baixeza e corrupção. A salvação só poderia ser alcançada pela renúncia ao mundo material e pela busca do mundo invisível.

3. Neoplatonismo – A obtenção da vida espiritual não seria atingida pelo esforço intelectual, mas por uma absorção do Infinito.

4. Epicurismo – A alma é composta de pequenas partículas distribuídas pelo corpo, motivo pelo qual a morte conduz à dissolução da alma.

5. Estoicismo – Toda realidade é material, porém possui um *logos* ou razão divina. Viver de acordo com a natureza ou a razão é viver conforme a ordem divina do Universo.

6. Cinismo – O ponto mais alto da virtude é a carência das necessidades. Todo e qualquer desejo deve ser abolido.

7. Cepticismo – Não há possibilidade de alcançar o conhecimento da realidade, como é em si mesma. Os seres humanos não podem conhecer a natureza real das coisas.

“Heresia” pode indicar qualquer escolha ou seita. Com o tempo, o vocábulo foi adquirindo o sentido moderno de ponto de vista doutrinário que não concorda com o que é considerado ortodoxo, ou seja, correto. As principais heresias presentes no período do Novo Testamento, e seus respectivos conceitos, foram:

1. Angelolatria – As pessoas têm de adorar os anjos em ordem hierárquica, para no final chegarem a Deus.

2. Gnosticismo – Deus sendo espírito, não podia ter influência com o mal, ou seja com a matéria. A nota chave do gnosticismo era o conhecimento: a possessão de certos segredos que serviriam afinal para unir a alma com Deus.

3. Judaizantes – Jesus Cristo é Messias anunciado pelos profetas e o cumprimento do Antigo Testamento, mas uma vez que a circuncisão era obrigatória no Antigo Testamento para a participação na aliança com Deus, ela era também necessária para a participação na nova aliança que Cristo veio inaugurar.

4. Docetismo – A matéria é má, logo Cristo não podia ter um corpo humano. O homem Jesus, era na verdade, uma sombra ou um fantasma, com a aparência de um corpo material, ou Cristo tomou o corpo humano de Jesus apenas por pouco tempo, entre o batismo do homem Jesus, e o começo de seu sofrimento na cruz.

5. Ascetismo exterior – O fato de negar direitos ao corpo, ou mesmo castigá-lo, tem um efeito positivo em favor da alma, purificando-a de desejos carnis e liberando-a, para melhor progredir no caminho da salvação.

6. Falsas interpretações apocalípticas – As perseguições que os cristãos sofriam eram um sinal de que Cristo já viera, ou que deveria voltar para dentro de pouquíssimo tempo; e isso provocaria ainda mais calamidades.

7. Inexistência da ressurreição – A alma, sendo imortal, torna-se presa na prisão de carne, o corpo. O universo físico, e portanto, a carne, é criação de espíritos maus.

8. Antinomianismo – Uma vez que as pessoas são justificadas pela fé em Cristo, já não tem qualquer obrigação para com a lei moral, porque Jesus as libertou.

9. Ebionismo – O caráter messiânico de Jesus é aceitável, mas Ele nunca foi o Filho de Deus em qualquer sentido especial. Para a salvação ainda é necessária a observância da lei mosaica, incluindo a circuncisão.

10. Anticristos – Jesus não poderia ser Deus e também não poderia ter sido um homem real. A sua vida, morte e ressurreição são coisas irrelevantes.

7. BIBLIOGRAFIA

- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Volume I (A-C)*. 3. ed. São Paulo: Candeia, 1995. 191-192, 790-793 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Volume II (D-G)*. 3. ed. São Paulo: Candeia, 1995. 204-205, 250-251, 918-922 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Volume III (H-L)*. 3. ed. São Paulo: Candeia, 1995. 90, 619 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Volume VI (S-Z)*. 3. ed. São Paulo: Candeia, 1995. 281 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Volume V*. 1. ed. São Paulo: Milenium. 1982. 239 p.
- DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1994. 1212-1213 p.
- ELWELL, Walter A.. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã – Volume I (A-D)*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1990. 84-85 p.
- ELWELL, Walter A.. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã – Volume II (E-M)*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1990. 1, 378 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 151, 199, 297, 453, 511 p.
- HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2002. 231, 397 p.
- KEENER, Craig S.. *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*. 1. ed. Belo Horizonte: Atos, 2004. 504, 553, 597, 620, 749 p.
- TENNEY, Merrill C.. *O Novo Testamento; sua origem e análise*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1972. 102-108 p.
- THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em Teologia Sistemática*. 1. ed. São Paulo: IBR, 2001. 201 p.
- VINE, W. E.; UNGER, Merrill F. & WHITE JR, Willian. *Dicionário Vine; o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 691 p.